

VIOLÊNCIA E MASCULINIDADE

Georges Daniel Janja Bloc Boris¹

O texto discute historicamente a *construção* dos indivíduos do *gênero* masculino, destacando como a sociedade patriarcal ainda hoje favorece a *violência* nas relações sociais do homem contemporâneo, quer seja nos relacionamentos com a mulher, com seus filhos ou com seus congêneres. Descreve como, desde bebê, mas também quando menino e adolescente, e, posteriormente, quando adulto, o homem é induzido a manifestar constantemente sua masculinidade, freqüentemente através de atitudes e de comportamentos violentos. Neste sentido, busca alertar os profissionais de psicologia sobre a necessidade de consideração das questões de *gênero* em suas atividades, tanto com crianças e adolescentes quanto com adultos, bem como junto à família, aos grupos e às instituições sociais. Conclui com algumas considerações visando a prevenir o desenvolvimento da *violência* masculina.

Palavras-chave: gênero; violência; condição masculina; construção da subjetividade masculina; prevenção da violência.

INTRODUÇÃO

Mesmo nos tempos atuais, a *construção* dos indivíduos do gênero masculino ainda é pautada fortemente nos valores fundamentais da sociedade patriarcal. Portanto, busco aqui demonstrar como, ainda hoje, a *violência* constitui o pano de fundo das relações dos homens com as mulheres, com seus filhos e com outros homens e que tais relações são fundadas desde a infância do pequeno *macho*.

A CONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA MASCULINA

Historicamente, as diversas sociedades sempre criaram instituições ou instâncias hierarquizadas de *poder* com o objetivo de exercer o necessário controle sobre seus cidadãos através de mecanismos de inclusão e de exclusão. Quer se trate da pedagogia homoerótica da Grécia antiga, da educação viril dos cavaleiros da Idade Média, dos

¹ Psicólogo, mestre em educação e doutorando em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor vinculado ao Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Endereços eletrônicos: geoboris@uol.com.br e geoboris@unifor.br.

“rituais de iniciação masculina” de meninos e adolescentes nas sociedades ditas primitivas, ou mesmo das manifestações atenuadas e disfarçadas - mas ainda presentes - nas sociedades contemporâneas (Castoriadis, 1995), todas visavam a instalar e a garantir a masculinidade de seus filhos. Esses rituais de iniciação, de passagem² ou de confirmação da masculinidade geravam, ao mesmo tempo, terror e fascinação nos jovens, pois o reconhecimento como *macho* era não apenas uma meta a ser dolorosamente alcançada, mas também ansiosamente desejada. Nas sociedades pré-industriais, essas práticas se tornaram mais sutis, mas ainda desempenhavam um papel importante. Se consultarmos a literatura que retrata a época, encontraremos inúmeros exemplos de práticas humilhantes ou mesmo sádicas, tanto nas residências quanto em internatos, em escolas, nos quartéis, nos conventos e em instituições fechadas (Goffman, 1974). Nas sociedades industriais, devido às exigências da nova conjuntura econômica, o pai foi obrigado a se ausentar por longo tempo em busca de trabalho ou por conta das exigências de seu emprego, passando a educação e o cuidado dos filhos à mãe. A meta principal e comum a esses ritos de instituições é transformar o estatuto de menino para torná-lo homem. Assim, na maioria das sociedades e culturas, a masculinidade é um desafio que submete, mas eleva todos os meninos pela força dos homens mais velhos. As várias instituições pedagógicas da virilidade têm como ponto comum a *violência*.

Hartley (1959) já afirmava que, para serem masculinos, os *machos* aprendem geralmente o que *não devem ser* antes de incorporarem o que *podem ser*. Ao se perguntar a muitos garotos como definiriam a masculinidade, eles simplesmente respondem que é “o que não é feminino”. Isto demonstra o fato de que a *diferenciação de gênero* é algo que se desenvolve, e, portanto, pode ser transformada através das diversas experiências na vida de uma pessoa. O *gênero* tem conotações psicológicas e socioculturais. A *identidade do gênero* inicia-se com a percepção de que se pertence a um sexo e não a outro. O *núcleo de identidade do gênero* é a convicção de que a atribuição de seu sexo foi correta: “eu sou *macho*” se define antes dos dois anos de idade, e, em geral, tende a se manter ao longo da existência do homem de forma mais

² Bourdieu (1982/1990) questiona a denominação de “rituais de passagem”, preferindo considerá-los “ritos de instituições”, que historicamente têm importante *papel social* em diversas culturas.

ou menos persistente, caso não ocorram percalços significativos. Entretanto, a trajetória da *construção* de um homem não é tão tranquila quanto se poderia pensar. Freud (1926 [1976]) já entendia que a *identificação* era a chave do conceito de *identidade*, múltipla por definição. Sem dúvida, o corpo é a fonte primária da *identidade* e o sexo um investimento sempre privilegiado, mas não basta ter cromossomos Y e um pênis funcional para alguém se sentir homem, pois é possível crer-se masculino a despeito de muitas anomalias ou disfunções. Segundo Jost (1978), o sexo feminino é o sexo de base em todos os mamíferos e o programa embrionário de base é orientado para produzir *fêmeas*: “o *macho* se *constrói* contra a feminilidade original do embrião. Ao longo do desenvolvimento, tornar-se *macho* é uma luta de cada instante” (p. 86-87). Isto significa que, durante as primeiras semanas, os embriões XX e XY são anatomicamente idênticos, dotados ao mesmo tempo de canais de *fêmea* e de *macho*, sendo sexualmente bipotenciais. Durante essa fase, o feto enfrenta uma dura “batalha” para não obedecer ao programa de desenvolvimento feminilizante. Essa luta, totalmente biológica de início, é apenas um primeiro passo diante do constante e longo esforço de *diferenciação social* que o garoto terá que investir para tornar-se um homem.

Nascido o bebê, o olhar dos pais tem uma função determinante, pois, através de sua convicção quanto à definição e ao desenvolvimento da *condição* de *gênero* e do sexo de seu filho, podem certamente influir em seus caminhos posteriores. A tendência a estereotipar sexualmente o bebê é bastante comum entre os pais, pois o condicionam através dos gestos, da voz, das roupas e dos brinquedos conforme o sexo a que pertença, mas pesquisas (Luria & Rubin, 1978) demonstram que esta tendência é principalmente paterna. Como podemos perceber, esse processo de *diferenciação* continua, com crescente intensidade e constância sociais, quando do nascimento do bebê *macho*. O olhar dos pais, desde então, se configura como o fator mais importante: “basta dizer de um homem, para o elogiar, que ‘ele é um homem’” (Bourdieu, 1990, p. 21).

Ao nascer, o menino é alimentado tanto física quanto psiquicamente por uma mulher, o que parece interferir em sua *subjetividade* de modo mais significativo, mais complexo e mais dramático do que na trajetória feminina, particularmente no sistema patriarcal, que domina o mundo há milhares de anos e no qual a diferença rígida dos

papéis sociais tem lugar de destaque. Assim, o menino é *fêmeo* na sua origem, mas logo é advertido de que deve adotar uma nova postura, oposta à anterior - a masculina - sendo “arrancado” dos cuidados maternos, numa imposição freqüentemente violenta e dolorosa, mas também ardorosamente desejada. Esta relação intensamente erótica entre a mãe e o bebê do *gênero* masculino requer uma justa medida, pois amor de menos o adoeceria, enquanto amor demais o impediria de se tornar um homem. Ao ser amamentado, o bebê atinge o ápice da *dependência passiva*³, o que grava marcas indeléveis em seu psiquismo adulto, pois o vínculo erótico entre mãe e filho não se limita às satisfações orais, já que ela é aquela que, através de seus cuidados, desperta toda a sensualidade dele, iniciando-o no prazer e ensinando-o a amar seu corpo: em outros termos, a mãe boa é, num certo sentido, incestuosa e pedófila (Badinter, 1993). Isto é claramente marcante para o menino, pois, enquanto a menina tem na mãe uma base para sua *identificação*, ele tem nela um esteio prazeroso do qual deve *abdicar*. É por conta disto que, para tornar-se homem, ele deve aprender a *se diferenciar* de sua mãe e a recalcar profundamente essa *passividade* deliciosa em que ele e a mãe criaram uma unidade simbiótica. Em resumo: pleno de feminilidade durante toda a sua vida intra-uterina e identificado com sua mãe logo após seu nascimento, o pequeno *macho* só pode se desenvolver adequadamente perante a sociedade e a cultura tornando-se o oposto do que vinha sendo desde sua origem, ou seja, rejeitando toda a passividade e a dependência com que foi cativamente acalentado por sua mãe. Então, enquanto a relação entre mãe e filha favorece o *sentimento de identidade* da garota, o menino deve esforçar-se para rejeitar, dessensibilizar e mesmo anular suas pulsões profemininas. Para Mitscherlich & Dierichs (1983), nossa sociedade cobra muito cedo que os meninos se afastem das mães e assumam um comportamento viril, gerando o que Chesler (1983) denomina de “seres dematriciados” (p. 53). O comportamento que a maioria das culturas e das sociedades costuma definir - e, conseqüentemente, reforçar - para os homens como adequadamente masculino é *construído* através de um conjunto de *manobras de defesa*: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma de ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de

³ Groddeck (1923 [1978]) já observava que, quando amamenta, a mãe é o “homem” ativo, que alimenta o bebê, enquanto a criança é a “mulher” passiva, recebendo o seio materno.

cuidados dispensados aos outros; e, evidentemente, temor a ser desejado por outro homem ou de desejá-lo. Isto é, as atitudes do homem comum podem ser assim descritas: ser grosseiro, fanfarrão e briguento; tratar com *violência* e tornar as mulheres seus fetiches; buscar amizade apenas dos homens, mas odiar, desprezar e maltratar os homossexuais; falar rudemente; desconsiderar as atividades das mulheres. Assim, “o primeiro dever de um homem é: não ser uma mulher” (Stoller, 1989, p. 311).

Isto é claramente marcante para o menino, pois, enquanto a menina tem na mãe uma base para sua *identificação*, ele tem nela um esteio prazeroso do qual deve *abdicar*. É por conta disto que, para tornar-se homem, ele deve aprender a *se diferenciar* de sua mãe e a recalcar profundamente essa *passividade* deliciosa em que ele e a mãe criaram uma unidade simbiótica. Em resumo: pleno de feminilidade durante toda a sua vida intra-uterina e identificado com sua mãe logo após seu nascimento, o pequeno *macho* só pode se desenvolver adequadamente perante a sociedade e a cultura tornando-se o oposto do que vinha sendo desde sua origem, ou seja, rejeitando toda a passividade e a dependência com que foi cativantemente acalentado por sua mãe. Então, enquanto a relação entre mãe e filha favorece o *sentimento de identidade* da garota, o menino deve esforçar-se para rejeitar, dessensibilizar e mesmo anular suas pulsões profemininas. Para Mitscherlich & Dierichs (1983), nossa sociedade cobra muito cedo que os meninos se afastem das mães e assumam um comportamento viril, gerando o que Chesler (1983) denomina de “seres dematriciados” (p. 53). O comportamento que a maioria das culturas e das sociedades costuma definir - e, conseqüentemente, reforçar - para os homens como adequadamente masculino é *construído* através de um conjunto de *manobras de defesa*: temor às mulheres; temor à expressão de qualquer tipo de feminilidade, particularmente sob a forma de ternura, de passividade, de dependência ou mesmo de cuidados dispensados aos outros; e, evidentemente, temor a ser desejado por outro homem ou de desejá-lo. Isto é, as atitudes do homem comum podem ser assim descritas: ser grosseiro, fanfarrão e briguento; tratar com *violência* e tornar as mulheres seus fetiches; buscar amizade apenas dos homens, mas odiar, desprezar e maltratar os homossexuais; falar rudemente; desconsiderar as atividades das mulheres. Assim, “o primeiro dever de um homem é: não ser uma mulher” (Stoller, 1989, p. 311).

Desde a infância até à idade adulta, e muitas vezes durante toda a vida, a masculinidade é muito mais uma reação inconsciente do que uma adesão consciente. O homem, a partir da meninice, se afirma por uma tripla negação ou oposição: “eu não sou minha mãe”; “eu não sou um bebê”; “eu não sou uma menina (ou um homossexual)”. Este protesto de auto-afirmação viril é dirigido antes de tudo à sua mãe, mas logo se estende às demais mulheres, aos outros homens e ao próprio mundo, além dele mesmo, o que pode explicar, pelo menos parcialmente, as razões da *violência* ser um atributo essencialmente masculino.

É bastante comum que se faça associação entre *violência* e comportamento masculino. É importante lembrar que a sociedade se impõe aos indivíduos por meio da *violência*, sendo, assim, um “freio” aos seus desejos e às suas vontades (Amorim, 1995). Neste sentido, portanto, a *violência* é necessária e mesmo inevitável para a sobrevivência humana, quer individual, quer coletiva. O mito do homem violento é antiqüíssimo e a presença da *violência* masculina, sem dúvida, pode ser reconhecida ao longo de toda a história da humanidade. Na Grécia Antiga, o herói é dotado de características que o associam ao espírito guerreiro ou mesmo à *violência*. Nas sociedades consideradas “primitivas” ou arcaicas, a *violência* é descrita como um traço essencialmente masculino (Geertz, 1980; Bourdieu, 1988). Entre os séculos XVII e XIX, o Iluminismo criou e reforçou um conjunto de representações acerca do ser humano, inclusive a do homem *violento* (Nolasco, 1995). Mais recentemente, nas sociedades modernas, a *violência* vem assumindo facetas mais sutis, mas não menos presentes - a *violência simbólica* e a *violência lúdica* ou *ritual* (Fatela, 1989) – que contam mesmo com uma atuação costumeiramente mais branda das mulheres, porém sempre sendo reservadas aos homens as suas manifestações mais evidentes, pesadas e explícitas. Deve-se destacar que a importância da *honra* e, conseqüentemente, as manifestações violentas nela motivadas, variam conforme o *status social* dos indivíduos, mas são sempre exigidas atitudes de coragem de um homem como resposta às ofensas à sua honra, o que não se espera nem se cobra de uma mulher (Pitt-Rivers, 1992).

O curioso fenômeno da existência concreta de um *poder feminino*, o da *sedução*, é também a manifestação de um sintoma social revelador de que o controle dos homens sobre as mulheres, especialmente nos tempos mais recentes, vem sendo abalado,

provocando um novo fenômeno sócio-cultural que muitos cientistas sociais vêm denominando de *crise de identidade* ou da *condição masculinas*. Creio que alguns homens já não se reconhecem no modelo patriarcal de *macho*, pois se afastaram de muitos dos seus valores tradicionais, mas ainda não incorporaram novos princípios que os mantenham confortáveis nesse contexto que vem se configurando. O mal-estar gerado pela instabilidade das transformações por que vêm passando as *relações sociais de gênero* na atualidade pode eventualmente ter como resposta uma reação agressivo-defensiva dos homens – talvez um refluxo de *violência* reprimida - especialmente contra as mulheres e as crianças, mas também contra seus congêneres, os outros homens.

Particularmente nas últimas décadas, vem se desenvolvendo também um novo contexto familiar, que revela sintomas sociais de carência ou de ausência da figura paterna em relação à sua prole ou, por vezes, mesmo de quase inexistência de relacionamento afetivo íntimo entre pais e filhos. Em alguns casos agravados pela ausência de um modelo familiar estruturado, a freqüente debilidade, a embriaguez e/ou a *violência* paternas são tão aversivas que o filho se recusa veementemente a se *identificar* com qualquer manifestação de virilidade, investindo em fazer desaparecer toda similaridade com a figura paterna e masculina. Para Corneau (1993), tal confusão é favorecida devido à manutenção, diante da diversidade social, do que denominou de *paternagem* inadequada: *violência* física ou simbólica regular; ausência prolongada; indução de culpa; falta de resposta às necessidades de afeto e de dedicação; ameaças de abandono com objetivo de punição ou de disciplina; “agarramento” ao filho para que ele cresça rápido demais para sua idade; e fazer do filho o “bode expiatório” da patologia familiar. Ou seja, apesar da diversidade dos modelos familiares e de *paternagem*, muitos homens ainda são *construídos* por meio de uma educação que apenas privilegia a hierarquia, a competição e a *violência*. Neste sentido, para Corneau (1995), “a terrível violência dos homens em nossa sociedade começa por essa primeira violência, a que se pratica sistematicamente contra si mesmo, e todos os homens, inclusive eu, a dirigem contra a própria sensibilidade” (p. 47).

Atualmente, nas ruas brasileiras, encontramos “guris” que demonstram através de suas atitudes viris que, no processo de *construção* da *condição* e da *subjetividade masculinas*, ainda é importante ser portador de atributos físicos e morais que lhes

permitam enfrentar a competição com seus pares. Com o objetivo de reafirmar sua honra e sua virilidade, esses jovens costumam exercitar-se através de lutas corporais e de duelos verbais, num clima de jocosidade e de brincadeira, de desafio e de agressão, bem como de falas explícitas sobre o baixo corporal e sobre a sexualidade, que têm importância tanto prática quanto simbólica (Diógenes, 1998; Jardim, 1994; Leczneiski, 1995). Na falta de um modelo de *identificação* masculina na figura paterna no lar – pois o pai está ausente, senão física, mas (ou também) simbolicamente (Corneau, 1993; 1995) - é comum que os adolescentes busquem, fora de casa e longe dos pais, novos canais de expressão de sua virilidade e da frustração com o ambiente familiar. Desta forma, mais do que simplesmente aderir a um instinto gregário, buscam romper com e se afastar da figura paterna - e, também, da cultura predominantemente materna e feminina vivenciada em casa - para incorporar-se a uma cultura masculina (Badinter, 1993) externa ao lar, em que a *violência* é um meio de expressão costumeiro.

O *habitus* masculino ainda se desenvolve num campo destinado quase apenas aos homens, no qual se desenvolvem a competição, a guerra, a política, a ciência, a arte, a religião, a honra e a *violência*, o que determina sua grandeza, mas também com frequência sua própria miséria. Desta forma, os homens buscam dominar seus congêneres, mas, secundariamente e como um instrumento de luta simbólica, além deles, as mulheres (Bourdieu, 1990) e seus filhos. Em nossa sociedade, o comportamento *machista* entre os jovens é favorecido não apenas pelos pais e por outros homens mais velhos, mas também por seus pares e até mesmo por suas próprias mães, pois elas mantêm ainda em grande parte o *papel sócio-cultural* de formadoras primeiras da *subjetividade* e da *condição* dos futuros *machos* que geraram. Por vezes, “encurralados” por essas novas cobranças sociais, particularmente as advindas das mulheres, e não podendo, não conseguindo ou não querendo atendê-las, ou ainda criticados por persistirem em adotar posturas consideradas ultrapassadas, pois pautadas no modelo patriarcal de virilidade – alguns homens reagem com *violência* ou buscam outros escapismos defensivos menos visíveis, mas certamente reveladores da confusão em que se encontram por conta das inquietantes transformações nas *relações sociais de gênero*, especialmente no que diz respeito às conquistas e aos avanços femininos,

entendidos como uma ousadia ou um atentado contra o *poder* viril que acreditam deter e que ainda consideram inquestionável.

CONCLUSÃO

O sistema patriarcal desenvolveu um meio opressivo e violador pelo qual muitos homens, ainda hoje, continuam sendo socializados, o que tem gerado seres mutilados, incapazes de integrar suas heranças paterna e materna, masculina e feminina, ativa e passiva, adotando um processo de *diferenciação* rígido e unilateral, voltado unicamente aos atributos viris. Em minha pesquisa, encontrei diversas expressões de *violência* – explícita, sutil, lúdica ou simbólica – nos depoimentos e no imaginário de homens que habitam em Fortaleza, mesmo que envoltos em culpa ou em escamoteamentos variados. Tendo a pensar que, nos tempos mais recentes, o *poder* dos homens sobre as mulheres e sua prole e as tentativas de impô-lo a seus congêneres não é mais o mesmo, pois muitos homens já não se reconhecem nele, tendo em parte se afastado dos valores patriarcais tradicionais, embora ainda não tenham clareza sobre quais seriam os novos valores sócio-culturais que poderiam mantê-los confortáveis nessa nova situação. Muitos cientistas sociais vêm denominando tal fenômeno de *crise do masculino*. Este mal-estar eventualmente tem como resposta uma reação agressivo-defensiva por parte de alguns homens - a *violência* - particularmente contra as mulheres e as crianças, bem como contra outros homens.

Estejamos atentos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Mirtes Mirian. **Labirintos da autonomia**: a utopia socialista e o imaginário em Castoriadis. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Rites de institution. Language and symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, p. 117-126, 1982/1990.

- _____. O sentimento da honra na sociedade cabília *in*: PERISTIANY, J. G. **Honra e vergonha**: valores das sociedades mediterrânicas. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 159-195, 1988.
- _____. La domination masculine. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. n. 84, p. 2-31, sep. 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CHESLER, Phyllis. **La mâle donne**. Ed. des Femmes, 1983.
- CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**: o que aconteceu com os homens? 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. Paternidade e masculinidade *in*: NOLASCO, Sócrates (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 43-52, 1995.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- FATELA, João. **Portugal de perto**: o sangue e a rua. Publicações Dom Quixote, 1989.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial *in*: **Edição standard das obras psicológicas completas**. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, p. 205-293, (1926) 1976.
- GEERTZ, Clifford. **Negara**: O Estado teatro no século XIX. Lisboa: Difel, 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GRODDECK, Georg. **Le livre du ça**. Paris: Tel/Gallimard, 1923 (trad. franc. 1978).
- HARTLEY, Ruth. Sex role pressures and the socialization of the male child. **Psychological Reports**. v. 5, p. 459-468, 1959.
- JARDIM, Denise Fagundes. Os usos do corpo: identidade social e masculinidade entre homens de grupos populares *in*: DUARTE, Luiz Dias (org.) **Grupo de trabalho: pessoa, corpo e doença**. Caxambu: XVIII Encontro Anual da ANPOCS, p. 1-20, 23-27/11/1994.
- JOST, Alfred. Le développement sexuel prénatal *in*: SULLEROT, Evelyne (ed.) **Le fait féminin**. Fayard, p. 85-90, 1978.

LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os gurus de rua *in*: FONSECA, Cláudia & BRITO, Maria Noemi (orgs.) **Horizontes antropológicos**: gênero. Porto Alegre: n. 1, Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 95-109, 1995.

LURIA, Zella & RUBIN, Jeffrey. **Genre et étiquetage**: l'effet Pirandello *in*: Le fait féminin. Fayard, 1978.

MITSCHERLICH, Margaret & DIERICHS, Helga. **Des hommes**. Des femmes, 1983.

NOLASCO, Sócrates (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra *in*: CZECHOWSKY, Nicole (org.) **A honra**: imagem de si ou dom de si - um ideal equívoco. Porto Alegre: L&PM, p. 17-32, 1992.

STOLLER, Robert. **Masculin ou féminin?** Paris: PUF, 1989.